

O medo e a decadência do patriarcado em *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane

Fear and the Decadence of the Patriarchy in Paulina Chiziane's The Seventh Oath

Ludmila Guimarães Maia*
Universidade de São Paulo - USP

119

RESUMO: Este trabalho analisa a obra *O sétimo juramento* (2000), de Paulina Chiziane, sob a perspectiva de algumas teorias sobre o medo, do historiador Jean Delumeau, e o conceito de memória cultural de Jan Assmann. O medo é uma emoção inerente ao ser humano e manifesta-se no cenário de opressão, guerra, fome, violência e morte apresentado no romance. O objetivo é compreender como os temores que ameaçam os personagens influenciam na ruptura da ordem vigente e contribuem no processo de reconstrução da memória cultural e no estabelecimento do diálogo entre a tradição e a modernidade. Analisaremos quais são os temores sofridos, quais as reações desencadeadas diante da situação e as suas consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Moçambicana. Paulina Chiziane - *O sétimo juramento*. Medo. Memória cultural.

ABSTRACT: This work analyses Paulina Chiziane's *The Seventh Oath* (2000) under the perspective of some theories about fear from the historian Jean Delumeau and Jan Assmann's concept of cultural memory. Fear is an emotion inherent to human beings that manifests itself in a scenery of oppression, war, hunger, violence and death presented in the novel. The objective is to understand how the fear that threatens the characters influences in the rupture of the new order in force and contributes in the process of cultural memory rebuilding and in the establishment of dialog between tradition and modernity. We will analyze the kinds of fear they suffer, the reaction they have under those threatens and its consequences.

* Doutora em Estudos Literários pela Universidad Complutense de Madrid (UCM).

KEYWORDS: Mozambican Literature. Paulina Chiziane - *The Seventh Oath*. Fear. Cultural Memory.

Introdução

O romance *O sétimo juramento* (2000), de Paulina Chiziane apresenta a bruta realidade de um país onde a guerra, a fome, a violência e a morte rondam as populações por todos os lados. O Moçambique pós-independência representado na obra guarda profundas máculas de injustiça e desigualdade social que se acumulam desde os tempos coloniais. A nova ordem instalada depois da revolução e da guerra colonial não passa de uma réplica imperfeita do sistema de dominação da antiga metrópole, na qual os pobres vivem explorados, oprimidos e marginalizados, enquanto a elite burguesa usufrui de conforto e privilégios. Esse desequilíbrio acaba por despertar a revolta das massas que iniciam uma onda de greves por todo o país e geram risco ao poder e à estabilidade do personagem principal, David, o rico e corrupto diretor de uma fábrica. Ante a iminente ameaça, este vê-se totalmente dominado pelo medo e, desesperado, toma ações que acabam por reverberar essa emoção e causar consequências irreparáveis ao seu redor, levando o seu patriarcado à ruína. O objetivo deste trabalho é compreender como o medo influenciou na ruptura da ordem vigente e contribuiu no processo de reconstrução da memória cultural no romance. Analisaremos quais são os temores sofridos pelos personagens, quais as reações desencadeadas diante da situação e as consequências geradas por elas.

O medo é uma emoção inerente ao ser humano, que se manifesta de distintas maneiras, conscientes ou inconscientes, como através de ansiedades, sonhos e fobias, todas originadas no medo primordial da morte, que gera necessidade de segurança nos indivíduos. Essa condição acaba por refletir na base do

comportamento e na organização das sociedades ao longo da história. Segundo o historiador Jean Delumeau, a resposta ao medo depende das circunstâncias e pode caracterizar-se pela paralisação ou por ações violentas, entre outros efeitos, que atuam no sentido de autodefesa e autopreservação. Dessa forma, identificamos que o medo que sente o personagem principal do romance provoca-lhe diferentes reações na tentativa de manter o seu poder, sem se preocupar pelas consequências dos seus atos. As manifestações mais impactantes causadas pelo temor de David são a violência, a traição, a culpa e o arrependimento, cujas sequelas expandem-se inevitavelmente aos demais personagens, provocando-lhes outros medos e, por conseguinte, outras respostas.

Durante todo o texto são introduzidos indícios de que a nova estrutura social espelhada nos tempos da colônia, com uma dinâmica de opressores e oprimidos e a presença da religião cristã, não rompeu totalmente os laços com a cultura tradicional. A religião ancestral, embora tenha sido perseguida e obrigada a esconder-se nas periferias da cidade, ao redor de miséria e calamidades, continua em atividade e atrai diversos tipos de público, inclusive algumas pessoas que se consideram cristãs. Ao longo do texto, a narradora intercala, gradualmente, mitos, lendas e histórias ancestrais que, de maneira fragmentada, vão possibilitando a cada personagem redescobrir-se e encontrar o seu caminho de fuga do medo e da realidade opressora.

Segundo Assmann,

a memória cultural preserva o armazenamento de conhecimento do qual um grupo deriva uma consciência da sua unidade e peculiaridade. As manifestações objetivas da memória cultural são definidas através de um tipo de determinação identificatória em um sentido positivo (“nós somos isto”) ou negativo (“nós somos o oposto”) (ASSMANN, 1988, p. 130. Tradução nossa).

A questão da religiosidade no romance deixa clara essa concepção, já que a religião católica instaurada com a nova ordem não é capaz de responder aos

problemas de David, professante dessa fé, o que o leva a recorrer à magia negra para encontrar soluções. A sua atitude provoca tamanho medo na sua esposa Vera, também católica, que ela procura a ajuda de curandeiros em busca de forças para combater o poder do marido. Esse retorno à religião dos antepassados recria e revigora a memória cultural do país, que contribui na trajetória de reconhecimento de cada personagem, permitindo a ruptura do poder patriarcal opressor, o estabelecimento do diálogo com a tradição e a possibilidade de construção de uma nova ordem mais justa, tolerante e equilibrada.

Medo e violência

A violência é umas das reações que podem ser causadas pelo medo e no romance está presente em alguns comportamentos do personagem principal. O primeiro ato de violência que comete recai sobre a esposa Vera, quando lhe dá uma bofetada na cara por um motivo superficial, que no fundo oculta a verdadeira razão da ira de David, a iminência da greve na sua fábrica. Essa atitude desperta medo em Vera e marca a dualidade que se estabelece entre os dois personagens que, a partir de então, saem em busca de fortalecer-se para vencer as ameaças que se desdobram diante de si. “A incerteza do futuro lançou já a semente da violência que brotou e promete gerar violência em cadeia. O transtorno acende uma luz negra na mente de Vera: trovada, violência, sangue. O que virá a seguir?” (CHIZIANE, 2000, p. 40). Essa bofetada significa apenas o começo da fúria de David; depois de ter uma conversa perturbada com o seu amigo Lourenço, praticante de magia negra, o personagem vai a um prostíbulo onde comete outra violência: o abuso sexual de uma menina virgem e menor de idade. Através dessa personagem vemos retratado o abandono da infância no cenário da pós-guerra, sem família ou qualquer outro apoio. A única opção para a prostituta Mimi é cair sob a suposta proteção da cafetina Tia Lúcia, outra vítima das circunstâncias, que faz o que

pode para sobreviver. David “apadrinha” a jovem e chega a acreditar que lhe está fazendo um favor ao exigir-lhe sexo em troca de dinheiro e segurança. Mimi é abusada muitas vezes até que David descobre que ela está grávida e decide tomá-la como esposa, adotando a prática da poligamia. É interessante como nesse momento o personagem tem horror à ideia do aborto como sendo o assassinato de uma criança, atacado pela culpa trazida com a lembrança da sua primeira namorada que morreu em decorrência disto. Mais adiante, essa já não é a sua opinião, quando passa a ser praticante de magia negra e decide sacrificar a menina e o bebê.

O envolvimento de David com essa prática dá-se gradativamente através de diferentes guias espirituais e ritos, até que ele chega à presença de um poderoso feiticeiro que reconhece os seus fortes poderes ancestrais e convence-o a fazer o sétimo juramento da sua vida. “- Eu juro, sim. Matarei a minha mãe, meus filhos e todos aqueles a quem amo, se esse for o desejo dos deuses. Hei de transformar o seu sangue em ouro, para que a riqueza corra nas mãos dos deuses como as águas do rio” (CHIZIANE, 2000, p. 168). A partir de então, a violência do personagem não tem limites, já que passa a atuar sob a força sobrenatural dos espíritos. A primeira calamidade depois do juramento é o incêndio da fábrica onde trabalha, que queima todas as provas dos crimes de corrupção cometidos por ele e acaba matando o diretor comercial que ameaçava denunciá-lo. Os demais diretores da fábrica, antes seus aliados, também querem delatá-lo, mas pouco podem fazer contra o tirano armado com os poderes da magia negra.

Outra exigência feita pelos deuses a David, no momento da sua conversão, é que adquira outras esposas até que complete quatro: a primeira é a oficial, Vera; a segunda, a prostituta Mimi; a terceira passa a ser a sua secretária e amante Cláudia, que também engravida e, por último, exigem que o personagem tenha uma relação incestuosa com a sua própria filha, a adolescente Susy, fazendo dela a sua quarta esposa. Ao princípio David tem

escrúpulos e tenta ludibriar os deuses com a ideia de violar outra moça virgem no lugar da filha, no entanto, todas as suas tentativas frustram-se e ele acaba realizando esse ato de violência incestuoso, depois de entorpecer a menina com substâncias rituais. Finalmente, o ato de violência mais brutal cometido pelo personagem é o infanticídio e feminicídio que representa o sacrifício de Cláudia e Mimi, e dos seus respectivos fetos, que acabam assumindo o papel de bode expiatório, assassinados no lugar de Vera e Clemente, filho de David.

David exerce com primor a sua posição de patriarca opressor e quase todos os atos de violência que pratica recaem sobre as personagens femininas do romance. Elas acabam tornando-se os veículos que permitem ao personagem realizar a sua trajetória nos caminhos da magia negra. Essa crua realidade retrata a fragilidade da posição social das mulheres nessa sociedade, condenadas a ser esposas, filhas ou “escravas” de homens poderosos, vaidosos e inescrupulosos, capazes de cometer qualquer ato para proteger o seu poder. Além disso, o fato de Mimi e Cláudia, as suas amantes, serem sacrificadas no lugar da sua mulher e do filho “legítimos” também denuncia que umas vidas valem mais que outras, de acordo as crenças, os interesses e os poderes de cada um.

Medo e traição

Enquanto sofre medo, David sente-se obrigado a reagir na tentativa de assegurar a sua posição de poder e privilégios e nesse caminho o personagem realiza também atos de traição. De fato, a primeira deslealdade que comete ocorre antes do início do romance, ao tornar-se um diretor corrupto, enganando os operários que acreditaram nele desde a época da libertação nacional. O personagem atuou na revolução e lutou pelo fim da dominação colonial, no entanto, reconhece que o antigo regime tirano foi substituído por outro tipo de tirania, na qual os pretos passam a explorar a sua própria gente. Encontra-se

de tal forma embriagado pelo poder que se sente um herói nacional com direito a acumular riquezas e explorar os pobres: “- No tempo da revolução investi. Agora estou na fase de egoísmo. Quero colher tudo o que semeei. Este estatuto de diretor não foi dádiva, foi conquista. Lutei pela liberdade deste povo” (CHIZIANE, 2000, p. 15).

Quando se vê ameaçado pelas queixas dos trabalhadores da fábrica, que estão há seis meses sem receber salários, David já não consegue solucionar os seus problemas sozinho e reconhece que, como criminoso que se tornou, não pode encontrar proteção dentro da fé cristã. Assim, trai a religião católica, buscando resposta na magia negra, que reconhece como sendo a única força capaz de ajudá-lo em tais circunstâncias. Desta forma, não só macula a imagem do culto dos antepassados, como também condena toda a cultura africana como inferior ao refletir: “Os brancos foram feitos para o céu, para as nuvens e deuses celestes, mas os negros foram feitos para os defuntos, para as raízes e deuses terrestres. A magia negra é o único caminho que me resta” (CHIZIANE, 2000, p. 74). Essa reflexão representa uma forma de resgate da memória cultural, como no processo descrito por Assmann, já que o personagem define os limites do que deveria ou não pertencer à cultura atual, lembrando que a magia negra também é um elemento dessa cultura nativa. Por outro lado, revela que o personagem guarda traumas e complexos do passado, já que mesmo tendo assumido um novo papel na sociedade, de líder bem-sucedido, rico, poderoso e respeitado, ainda preserva no seu imaginário a ideia do povo negro como subalterno, devendo manter as suas práticas religiosas ao lado da morte e do mal. Isso denuncia os resquícios dos anos e anos de subjugação dos povos africanos que os levou a ver-se a si mesmos como civilização menor.

Por fim, David trai Vera, a sua esposa legítima, consagrada em matrimônio cristão, ao assumir Mimi como segunda esposa. É interessante notar como o personagem aproveita da sua cultura nativa apenas os elementos que lhe interessam, neste caso, a possibilidade da poligamia que não é aceita na

religião cristã. Nesse momento, interessa-lhe ser bantu e regressar às práticas relativas à sua etnia: “Vera sofrerá mas acabará compreendendo. Somos bantus e a poligamia é a nossa cultura. Ela agradecerá este momento porque terá com quem partilhar a carga que é o meu peso e o meu tamanho” (CHIZIANE, 2000, p. 122). Vale lembrar que Vera sofre dupla traição, o adultério, por um lado, e a violação da sua própria filha pelo pai, por outro. Todos esses atos comprovam como o personagem principal está perdido e perturbado pelo incessante medo que o arrasta por uma onda de ações disparatadas, cujas consequências ele mesmo pagará no final. Fica claro que ante as ameaças, as escolhas de David sempre são pautadas pela necessidade de garantir o seu poder.

Medo e remorsos

Apesar de não medir as consequências dos seus atos, durante todo o romance David reflete incessantemente sobre tudo o que comete e chega a arrepender-se algumas vezes. A perturbação do seu estado de espírito faz com que as reflexões oscilem entre culpas e incertezas em uma revolução de sentimentos. Um desses momentos é quando vai pela primeira vez ao prostíbulo e vê a situação de abandono, tanto da velha Tia Lúcia, quanto da menina Mimi, ambas mulheres perdidas no mundo sem nenhuma opção de sobrevivência a não ser a prostituição.

Hoje vê coisas que antes não via e sente tormentos na consciência. [...] Durante a revolução brigámos com a vida e com a natureza. Avaliámos as plantas pelo tamanho dos frutos, nenhum de nós tinha a capacidade de analisar a raiz da miséria. Oprimimos os mais oprimidos. Explorámos os mais explorados (CHIZIANE, 2000, p. 50).

No entanto, esse lapso de consciência não evita que David continue explorando as mulheres e siga no seu caminho pela magia negra. Depois de ter tido o primeiro contato com a feitiçaria e ainda assim continuar sob o risco de ser traído pelos demais diretores, ocorre-lhe um momento de lucidez, no qual se

dá conta de que se transformou em escravo dos espíritos, que lhe exigirão cada vez mais. Nesse momento, pensa em deixar o culto, abandonando todos os objetos a ele pertencentes na rua de um bairro pobre, longe da sua casa. No entanto, não consegue finalizar o ato e tampouco encontra respaldo na sua antiga fé cristã.

Decide fazer uma oração, pedindo ajuda naquele momento, mas as palavras não saem. Levanta os olhos para o céu, pedindo força e misericórdia. [...] - Os mortos não querem que lhes devolva seus pertences - conclui - Meu Deus, sou um homem perdido (CHIZIANE, 2000, p. 131-132).

A partir de então o personagem percebe que está em um caminho sem volta e decide procurar novamente o amigo Lourenço, o seu guia pelos caminhos da magia negra, que o leva ao grande feiticeiro Makhulu Mhamba, para que professe o seu sétimo juramento. Nesse caso, o medo de ficar sem a proteção da magia negra é mais forte do que o medo de envolver-se definitivamente com ela e mais uma vez, prevalece o desejo de poder.

127

O personagem também sente uma ponta de arrependimento quando ouve os operários da fábrica contarem todas as dificuldades pelas quais têm passado por não receberem os seus salários. O depoimento de uma mulher que afirma que a sua filha teve que se prostituir para ajudar no sustento dos pais remete David à lembrança da violação da sua própria filha e fá-lo refletir:

David sente uma pontada no coração. Pensa na própria filha. A mesma história, o mesmo destino: dar a vida em salvação da família. Lembra-se do momento em que a arrastou para a iniciação ritual. Ela estava fraca, indefesa. Ele fechou os olhos e os ouvidos a todos os sentimentos, para sacrificá-la como uma pecadora (CHIZIANE, 2000, p. 214-215).

O último resquício de remorso que sofre David é quando pensa na possibilidade de sacrificar a esposa Vera e o filho Clemente, o que lhe exigem os espíritos para manter o seu poder. O personagem chora em uma espécie de luto antecipado, mas em seguida, convence-se a si mesmo da necessidade de

cometer o ato: “O sacrifício da vida é tão antigo como a idade da terra. Crucifica-se o único filho para redimir os pecados do mundo. Sacrifica-se a vida pela glória do imperador” (CHIZIANE, 2000, p. 216). Tanto nesse discurso de autoconsolo, quanto no momento em que pensa em Susy, o personagem mistura as suas lembranças ancestrais com referências cristãs para analisar ou justificar os atos que realiza. O estado confuso no qual se encontra demonstra a sua luta interior entre o bem e o mal e a composição misturada do seu imaginário cultural entre a tradição que está resgatando e a modernidade na qual cresceu e se educou à maneira dos assimilados.

Os instantes de remorso do personagem surgem em oposição aos momentos em que ele se depara com a bruta realidade dos pobres no seu país; alguns desses momentos ocorrem quando David circula pela periferia da cidade em busca dos feiticeiros. É interessante notar que a prática do culto dos ancestrais foi arrastada para a zona periférica da cidade, região pobre e distante, obrigando a que o processo de resgate da memória cultural passe inevitavelmente pelo reconhecimento das atrocidades cometidas pela nova ordem. O medo que impulsiona a busca pelos feiticeiros também contribui para o despertar para a realidade dos oprimidos.

Medo e tradição

Desde que decide enveredar-se pelos caminhos da feitiçaria, David parece acometido por uma onda de recordações de mitos e histórias ancestrais, que fluem desordenadamente do seu inconsciente, muitas vezes misturadas com mitos católicos ou de outras origens. Algumas dessas lembranças ocorrem ao chegar à casa de Makhulu Mhamba, cuja história ressurgiu vagamente na sua memória como lenda de terror que causa delírios e pesadelos nas crianças. Mais adiante, as recordações fluem de forma mais ordenada: “David penetra a geografia mágica do país. Tudo o que parecia fantástico começa a ganhar

forma” (CHIZIANE, 2000, p. 146). A narradora usa o encadeamento da memória do personagem para introduzir uma série de histórias de metamorfoses, sacrifícios humanos, ressuscitações, entre outras, que aos poucos vão formando um repertório cultural relacionado com o universo da feitiçaria. Paralelamente, também são inseridas histórias relativas aos curandeiros, o que constrói, ao final do romance, uma clara noção do que representam essas duas vertentes de atuação do culto dos antepassados: a magia negra e a magia branca. Nota-se que Chiziane se esforça no sentido de elaborar uma dualidade que representa as diferentes facetas dessa religião, mostrando tanto o que é bom e justo quanto o que é mal e injusto. Afinal, independentemente da forma como se usa o culto, ambas as vertentes são parte da cultura tradicional moçambicana.

Outro momento que leva David a recuperar lendas e histórias é a violação da filha Susy, quando busca referências diversas para provar a si mesmo que o seu ato é justificável e vem sendo praticado pela humanidade desde tempos imemoriais.

Pais e filhos cruzam-se em rituais de fertilidade da terra, do gado, em nome da saúde, riqueza e longa vida desde o princípio do mundo. Incesto elevado ao heroico e ao sagrado na coroação dos reis bantus. Adão comeu a maçã de Eva, irmã e filha, e a vida multiplicou-se (CHIZIANE, 2000, p. 182).

Uma vez mais o personagem circula de forma sincrética entre a sua tradição étnica e a sua formação cristã, sempre apropriando-se dos elementos que o permitem justificar as atrocidades cometidas. Quando encontra outro diretor da fábrica, políticos, acadêmicos e até mesmo o padre católico na casa de Makhulu Mhamba, o personagem sente uma espécie de revolta: “Esses hipócritas servem o senhor da luz, mas à noite buscam a proteção das sombras. Olha para os políticos com desprezo. Gente de garganta larga, mãos inúteis, que vivem de discursos e de suor alheio” (CHIZIANE, 2000, p. 158). Aqui fica evidente a cegueira do personagem que não percebe que os demais são os seus espelhos e que está fazendo exatamente o mesmo que eles. Por outro lado, isso

revela outra realidade contraditória, o fato de que esses mesmos intelectuais, que desejavam construir uma nova ordem depois da independência, perseguiram e isolaram o culto dos antepassados, mas ao final continuam corroborando com as suas práticas. As atitudes desses personagens não contribuem na reconstrução de memória cultural e na reconciliação com a tradição, pelo contrário, favorecem que essa cultura continue escondida e marginalizada como pertencente a uma categoria inferior. Uma vez mais a autora encontra uma oportunidade de denunciar a hipocrisia e o egoísmo da sociedade que se construiu depois da libertação.

O medo dos outros

As ameaças que sofre David e o medo decorrente delas geram ações que afetam outros personagens, sobretudo, impingindo-lhes outros temores. O filho que David renega, Clemente, é o primeiro personagem a ser afetado, quando tem sonhos e premonições assustadoras, que revelam os atos que o pai vai cometer no futuro e que lhe causam imenso pavor. Ao princípio o rapaz é tido como louco, já que na sua família, por exigência do pai, todos são católicos; levam-no ao psiquiatra cujos tratamentos nada resolvem. A figura da avó Inês, bisavó do rapaz, é fundamental, já que ela continua conectada à tradição e logo percebe que o rapaz está sofrendo pela ação de espíritos e deve ser tratado por um curandeiro. A velha conta muitas histórias ancestrais, apesar de também entrelaçadas com mitos cristãos, e revela a Clemente que ele é um espírito antigo e prometido, que salvará todos. No entanto, a família pensa que tudo não passa de fabulações da avó e não lhe faz caso, enquanto em um desabafo ela mostra claramente o conflito gerado entre a tradição e a modernidade: “Os jovens dizem que as ideias dos velhos são fábulas, mitos, cantigas de embalar. A vida moderna torna as gerações incomunicáveis. A nova língua afasta as pessoas das suas origens” (CHIZIANE, 2000, p. 30). Apesar de estar presente no seio da família a sua voz tornou-se obsoleta, revelando o pouco valor que se dá

à sabedoria dos mais velhos na nova ordem, enquanto essa é a base da cultura ancestral.

Ao longo do romance os pesadelos e os medos de Clemente vão aumentando cada vez mais até que a mãe e ele decidem finalmente ouvir os conselhos da avó e buscar a ajuda de um curandeiro. A partir de então, o rapaz decide tornar-se curandeiro para tentar combater o mal causado pelo pai, parte em busca de receber a formação que o levará ao seu verdadeiro caminho: salvar todos do poder maligno de David.

Vera, por outro lado, sente medo pelos tormentos do filho, sente medo pelas ações do marido, sente medo por ver a filha e o pai unidos e envolvidos com feiticeiros, sente medo da feitiçaria e da curanderia ao mesmo tempo, de certa forma, concentra em si a soma de todos os medos e desesperos. A situação dos filhos é o que mais atormenta a personagem: “Um filho paranormal e uma filha feiticeira é muito sofrimento para um só ventre” (CHIZIANE, 2000, p. 155). Assim, é justamente da sua responsabilidade como mãe que extrai as forças necessárias para reagir ao medo e sacrificar-se, se necessário, pelo bem dos seus filhos. A personagem demonstra, ao longo da sua trajetória, que ainda guarda memórias de histórias ancestrais que povoam e fazem parte do seu imaginário, apesar de se encontrar desconectada da religião tradicional. Com o desenrolar do enredo e a piora dos ataques do filho, vai percebendo que deve procurar um curandeiro. No entanto, oscila entre o desespero por curar o filho e o medo da traição que isso suporia ao marido e a si mesma, já que escolheu viver ao lado dele, sendo cristã e escapando do seu passado pobre e triste. “- Esta noite, a esta hora, gostaria de visitar um adivinho, mas não posso. Por causa da posição do meu marido. Por causa de compromissos de fé com religiões que nada têm a ver com a minha origem” (CHIZIANE, 2000, p. 62). Nessa reflexão a personagem demonstra que também se sente perdida por haver abandonado as suas origens e por ter que enfrentar o abismo que se criou entre os cultos antigos e a nova ordem instalada.

Para convencer Vera da necessidade de reagir para ajudar os seus filhos, a avó usa o exemplo de Eva, a traidora primordial, que agiu dessa forma por não ter poder ante a figura masculina. O argumento parece surtir efeito na mulher, que mais adiante, quando finalmente decide procurar o curandeiro, declara: “Quero usar a estratégia da serpente e usar o exemplo de Eva, a pecadora. A partir de agora a traição será a minha força” (CHIZIANE, 2000, p. 184). É interessante notar o peso que essa traição supõe à mulher, que se sente culpada e pecadora, mesmo atuando para salvar a sua família. Já David, que comete a mesma traição e outros atos ainda mais graves, consegue livrar-se facilmente dos seus remorsos.

Para encontrar a ajuda de um curandeiro, Vera também tem que andar pela periferia da cidade e enfrentar a pobreza e o abandono da população, enquanto vai descobrindo que o poder da magia do marido é muito forte. Então, vê-se obrigada a sair em uma espécie de peregrinação para encontrar um espírito forte e antigo o suficiente para combatê-lo. Além disso, toma conhecimento pela sua sogra de que o seu sogro também era feiticeiro e que essa maldição está enraizada na sua família há muitos anos. Assim, a mulher alia-se ao filho nessa busca, formando o par que se oporá ao poder da união entre o pai e a filha. “O marido buscando feitiços. A mulher varrendo feitiços. Pai e filho na magia negra. Mãe e filho na magia branca. Paz e pobreza contra guerra e riqueza” (CHIZIANE, 2000, p. 201). Clemente volta a casa depois de formar-se como curandeiro, consegue destruir os poderes malignos do pai e dismantelar, por fim, o patriarcado.

Essa dupla oposição acaba por delinear a realidade que ocorre no país, ou seja, de um lado, os oprimidos que tentam manter acesa a chama da tradição nativa africana, e do outro, os valores modernos que oprimem e exploram em nome da acumulação de capital. Vera e Clemente acabam encontrando a proteção de Moya, uma curandeira que vive em uma montanha muito distante e afastada de

tudo; é ela quem lhes fornece a pedra sagrada que os salva, quando o pai tenta sacrificá-los. Nesse sentido, é interessante notar como a figura de Moya se opõe à de Makhulu Mhamba. Ela, por um lado representando o feminino e a magia branca, que prega a paz e o equilíbrio e vive próxima da natureza. Ele, por outro, representando o masculino e a magia negra, que predica a morte e a destruição e vive em meio aos resquícios da guerra.

Notas conclusivas

É possível perceber uma estrutura cíclica que se desenvolve na dinâmica da trama, tendo em conta que o medo inicial que aterroriza David é causado pela pressão dos oprimidos que finalmente encontram forças para se revoltar e lutar pelos seus direitos. E quem os oprime é justamente David, ou seja, a serpente que acaba mordendo o próprio rabo. A sucessão dos medos sofridos leva o personagem pelos caminhos da magia negra, que se por um lado o ajuda, por outro, mete-lhe ainda mais medo, e nessa trajetória vão-se alastrando as consequências dos seus atos, que contaminam todos os demais personagens. Os atos de violência, que chegam ao nível do assassinato, demonstram que o personagem ainda guarda a sua potência e usa-a para subjugar, sobretudo, as mulheres que se tornam indefesas ante a fúria do patriarca e o poder da feitiçaria. As deslealdades representam a completa confusão de valores e a falta de escrúpulos que o levam a desrespeitar o seu matrimônio, o seu ambiente de trabalho e fonte que alimenta a sua ganância, e a religião, que ele mesmo escolheu e prometeu professar por livre arbítrio. Os arrependimentos deixam ver que David ainda é capaz de sentir compaixão e que oscila entre a culpa e a traição, mas ao final não passam de lapsos passageiros e acaba sempre prevalecendo o desejo de ter cada vez mais poder. Se vence o medo, vence também a crueldade, a injustiça, o egoísmo e a opressão. Em oposição a David estão a sua mulher e o seu filho que procuram a magia branca para salvarem a sua família e a si mesmos. Vera representa a mãe absoluta, o feminino em toda

a sua essência e, nesse sentido, responde ao medo de outra forma. O medo dela leva-a a encontrar forças, a manter-se no caminho do bem e da justiça para cuidar dos seus, a ouvir a voz da avó Inês, que se repete como um canto da tradição chamando-a de volta às suas origens. Nesse sentido, podemos notar que, como afirma Delumeau, as reações ao medo variam de acordo com as circunstâncias.

Ao longo do romance a narradora guia-nos por uma fascinante trajetória pelas facetas do culto dos antepassados, contando mitos, lendas e histórias ancestrais. A forma como conduz esse percurso deixa claro que há na cultura africana a magia branca e a magia negra, com consequências positivas e negativas, e expressa a necessidade de entender o significado profundo desses cultos. No dualismo em que se enfrentam Vera e David, Chiziane constrói um campo de batalha no qual tradição e modernidade enfrentam-se e refletem-se, gerando uma ruptura do sistema vigente que possibilita uma reconstrução, com a proposta do equilíbrio entre feminino e masculino. Como afirma Bhabha, é “na emergência de interstícios - a sobreposição de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados” (BHABHA, 2007, p. 20). O processo de resgate e reconstrução da memória cultural, que se dá no romance em consequência do medo dos personagens, aproxima-os das suas raízes, permite que dialoguem com a tradição perdida, que a entendam na sua completude e, nesse processo, reconhecem a si mesmos, reconstruindo a sua identidade.

Referências:

ASSMANN, Jan. *Collective Memory and Cultural Identity*. Frankfurt/Main, SuhrKamp. Translation by John Czaplicka. 1988. Disponível em: <<http://www.history.ucsb.edu/faculty/marcuse/classes/201/articles/95AssmannCollMemNGC.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê, 2005.

CHAVES, Rita. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente - 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e hoje. In: NOVAES, Aduino (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007.

FRY, Peter (Org.). *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MACÊDO, Tania. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

Recebido em: 31 de julho de 2017.
Aprovado em: 28 de novembro de 2017.